

## COMPORTAMENTO DE RISCO PARA HIV EM POPULAÇÃO CARCERÁRIA DE MONTES CLAROS (MG)

*Risk behaviors for hiv and tuberculosis in prison population of Montes Claros-MG*

Andreia Farias Alquimim<sup>1</sup>

**Resumo: Objetivo:** O objetivo deste trabalho foi determinar comportamentos de risco para HIV em população carcerária de Montes Claros (MG). **Metodologia:** Utilizou-se, no presídio, um questionário semi-estruturado, bem como realizou-se um teste rápido de HIV nos participantes. **Resultados:** Para análise da prevalência e situação de risco do HIV, responderam ao questionário 138 detentos(as), com idade média de  $29,55 \pm 8,56$  anos, com tempo de prisão de  $34,22 \pm 6,60$  meses. Ressalta-se que não se encontraram detentos(as) com sorologia positiva, embora 15,9% deles(as) relatassem possuir mais de quatro parceiros(as). A maioria (61,6%) afirmou usar camisinha, e 21% relataram o não uso de método contraceptivo. Quando abordados sobre outras situações de risco, 2,2% afirmaram ser homossexuais, 35,5% ser usuários de drogas, 2,9% declararam compartilhar seringas e 71% possuir tatuagens. **Conclusão:** Espera-se que este trabalho possa contribuir para as condições atuais do HIV/AIDS no sistema carcerário brasileiro, estimulando a realização de outras investigações e servindo para orientar a adoção de medidas preventivas.

**Palavras-chave:** Comportamento de Risco. AIDS. Encarcerados.

**Abstract: Objective:** The aim of this study was to determine the risk behaviors for HIV in the prison population of Montes Claros-MG. **Methodology:** Was employed within the prison, a semi-structured, and was performed rapid HIV test in participantes. **Results:** Para analysis of prevalence and risk of HIV 138 inmates responded to the questionnaire (as) with a mean age of  $29.55 \pm 8.56$  years. Prison time of detainees (as) was  $34.22 \pm 6.60$  months. Not found any inmate (a) with positive serology. 15.9% inmates (as) reported that they had more than four partners (as). Most (61.6%) said they use condoms and 21% reported using no contraceptive method. When approached about other situations of risk, 2.2% reported being homosexual, 35.5% are drug users, 2.9% reported sharing syringes and 71% have tattoos. **Conclusion:** It is hoped that this work will contribute to the current conditions of HIV / AIDS in the Brazilian prison system, thereby stimulating further research and serving to guide the adoption of preventive measures.

**Keywords:** Risk Behavior. AIDS. Incarcerated.

---

1 Graduação em Medicina.

## INTRODUÇÃO

---

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é a mais grave e conhecida doença sexualmente transmitidas (DST), sendo considerada doença emergente, a qual representa um dos maiores problemas de Saúde Pública da atualidade, em virtude de seu caráter pandêmico e da gravidade.<sup>1</sup>

O Ministério da Saúde classifica como indivíduos que apresentam comportamento de risco e alta vulnerabilidade para a infecção os usuários de drogas injetáveis, profissionais do sexo, caminhoneiros e, principalmente, os presidiários.<sup>1</sup>

Populações carcerárias caracterizam-se como grupos de risco para infecções transmitidas principalmente pelas vias parenterais e sexuais. Nesse contexto, estudos realizados em presídios brasileiros evidenciam a vulnerabilidade dessa população à transmissão parenteral do vírus da imunodeficiência humana (HIV) através do uso de drogas injetáveis e a transmissão via práticas sexuais de risco.<sup>2</sup>

Os próprios representantes de entidades e de programas federais destinados a dar informações e a elaborar ações de prevenção admitem que não é dada atenção necessária à população carcerária. Devido às condições precárias dos sistemas prisionais, não somente com relação à saúde, mas também aos processos penais demasiadamente demorados, estrutura física, alimentação, habitação e profissionalização, restam ao interno poucas opções, de forma que a AIDS e outras doenças infecciosas de alta morbidade sejam conclusões antecipadas de sua condenação.<sup>2</sup>

Assim, este estudo objetivou determinar comportamentos de risco para HIV em população

carcerária de Montes Claros (MG).

## METODOLOGIA

---

O estudo conduziu a uma investigação de cunho quantitativo, transversal e descritivo. O público-alvo deste trabalho são presidiários de sistema prisional de Montes Claros (MG), no ano de 2012.

Estabeleceram-se os seguintes critérios de inclusão: assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e presença no momento da coleta em uma das três tentativas. Dessa forma, a seleção dos participantes baseou-se na amostra de conveniência.

Para a coleta de dados, empregou-se um questionário semi-estruturado, abordando aspectos como idade, sexo, profissão, escolaridade, uso de drogas, tempo de prisão e presença de tosse e/ou escarro produtivo.

Há de se ressaltar que realizou-se, também, o teste rápido de HIV pelo método da imunocromatografia. Nesse caso, se presidiários apresentassem teste com resultado positivo, seriam encaminhados ao Serviço de Referência de Montes Claros para realização do teste confirmatório para a infecção pelo HIV, já que é um direito de todo cidadão o acesso gratuito a esse teste.

Para a análise e interpretação dos resultados, utilizou-se o laboratório de imunohistoquímica das Faculdades Integradas Pitágoras e o Laboratório de Análises Clínicas do NASP (Núcleo de Atenção à Saúde Pitágoras). Inicialmente, estabeleceu-se contato com o presídio em que a pesquisa foi realizada. A proposta apresentada à direção foi aceita e autorizada, dando, no momento da coleta de dados, um Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido aos presidiários, com informações a seu respeito.

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme resolução 466/12, a coleta de dados foi realizada no interior do presídio, sendo os encarcerados informados com dois dias de antecedência sobre os procedimentos feitos, desde a aplicação do questionário semi-estruturado até a coleta do escarro e realização do teste rápido de HIV.

A gestão dos dados coletados foi efetuada pelo tratamento estatístico em SPSS 17.0 (Statistical Package for the Social Sciences), utilizando a seguinte ferramenta estatística: análise descritiva dos valores absolutos e percentuais obtidos.

O trabalho, o qual envolve seres humanos, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), conforme protocolo 3098/2012.

## RESULTADOS

O tempo de permanência na prisão foi em média 27,49 meses, sendo esse mesmo tempo encontrado em outro estudo que referiu a permanência nas prisões como fator favorável à infecção para HIV/AIDS e outras DST.<sup>3</sup>

Para análise da prevalência e situação de risco do HIV, responderam ao questionário 138 detentos(as), sendo 60,9% do gênero masculino com idade média de  $29,55 \pm 8,56$  anos. O tempo de prisão dos(as) detentos (as) foi de  $34,22 \pm 6,60$  meses. De acordo com os dados do estudo, 59,4% dos entrevistados são réus primários, 57,2% declararam como escolaridade o ensino fundamental incompleto, conforme Tabela 1.

**Tabela 1** Caracterização dos(as) detentos(as) em Montes Claros(MG), 2012 (n=138).

VARIÁVEL	N	%
<b>Gênero</b>		
Masculino	84	6,9
Feminino	54	39,1
<b>Réu primário</b>		
Sim	82	59,4
Não	56	40,6
<b>Escolaridade</b>		
Ensino Fundamental Incompleto	79	57,2
Ensino Fundamental Completo	23	16,7
Ensino Médio Incompleto	8	5,8
Ensino Médio Completo	19	13,7
Analfabeto	9	6,5
<b>Idade</b>		
18 a 20 anos	13	9,4
21 a 30 anos	71	51,4
31 a 40 anos	41	29,7
41 a 50 anos	9	6,5
51 a 60 anos	3	2,2
+ 60 anos	1	0,7

Na tabela 2, apresentam-se as situações de risco da amostra. Quando questionados sobre o número de parceiros(as) sexuais no último ano, 59,4% tinham um(a) único(a) parceiro(a), muito embora 15,9% detentos(as) tenham relatado mais de quatro parceiros(as). No que se refere aos métodos preventivos, 61,6% afirmaram usar camisinha e 21% relataram não utilizar nenhum método contraceptivo. Quando abordados sobre outras situações de risco, somente 2,2% afirmaram ser homossexuais, 35,5% ser usuários de drogas, 2,9% declararam compartilhar seringas e 71% possuir tatuagens.

**Tabela 2** Análise das situações de risco para HIV/Aids em detentos(as) de Montes Claros(MG), em 2012 (n=138).

VARIÁVEL	N	%
<b>Número de parceiros(as) em 2012</b>		
1	82	59,4
2	20	14,5
3	14	10,1
≥ 4	22	15,9
<b>Formas de prevenção sexual</b>		
Camisinha	85	61,6
Parceira usa remédio	21	15,2
Não usa nada	29	21,0
Outros	3	2,2
<b>Homossexualidade</b>		
Sim	3	2,2
Não	135	97,8
<b>Usuário de drogas</b>		
Sim	49	35,5
Não	89	64,5
<b>Compartilhamento de seringas</b>		
Sim	4	2,9
Não	134	97,1
<b>Tatuagens</b>		
Sim	98	71,0
Não	40	29,0

Quando questionados o tipo de droga que utilizavam, a maconha foi referida por 15 detentos(as), o que corresponde a (10,9%), o crack por 13 detentos(as), correspondendo a (9,4%) e todos os tipos de droga por 11 detentos(as) – (8,0%). No entanto, uma grande parcela (63,8%) dos(as) detentos(as) relataram que não usam nenhum tipo de droga (Tabela 3).

**Tabela 3** - Tipos de drogas utilizadas por detentos(as) de Montes Claros(MG), 2012 (n=138).

VARIÁVEL	N	%
<b>Tipos de drogas</b>		
Maconha	15	10,9
Cocaína	8	5,8
Crack	13	9,4
Outros	3	2,2
Todo tipo de droga	11	7,9
Não usa	88	63,8

## DISCUSSÃO

Pesquisa realizada pela Secretaria de Estado da Saúde em 1999, descreve que os detentos brasileiros são, em sua maioria, homens na faixa etária de 20 a 49 anos, com pouca escolaridade e provenientes de grupos de baixo nível socioeconômico. Estudos mostram que a média de permanência de um detento no sistema prisional é de 30 meses, tempo consideravelmente favorável para a transmissão das doenças infecciosas como a Tuberculose e o HIV/AIDS.<sup>3,6</sup>

Ressalta-se que a escolaridade apresentada neste estudo está coerente com os dados obtidos da população prisional brasileira dos últimos dois anos. No ano de 2008, mais de 17 mil presos não concluíram o ensino fundamental 7, o que comprova a notória carência no nível de instrução educacional na população estudada, retratando as condições do Brasil, em que apenas 25% dos brasileiros acima de 15 anos dominam as habilidades de leitura e escrita.<sup>8</sup>

No que diz respeito à variável idade, percebe-se que a população estudada é basicamente

jovem, com maior número de indivíduos de 21 a 30 anos (51,0%). Mesmo valor encontrado em presídio de Ribeirão Preto com índice de 61% de jovens, com idade entre 19 a 30 anos.<sup>4</sup>

A amplitude de variação da idade é larga, indo de um mínimo de 18 anos, ao máximo de +60 anos, representado por um único preso. No entanto, esses achados confirmam que as atividades criminais (furto, roubo, homicídio, etc.) são cometidas, majoritariamente, por indivíduos jovens.<sup>4</sup>

O índice de HIV/AIDS nos presídios brasileiros sempre apresentou valores marcantemente superiores ao encontrados na população, desde quando pesquisas foram iniciadas, em meados da década de 1980.<sup>4</sup> Neste estudo realizado, não foi encontrado nenhum detento(a) com sorologia positiva.

Foram considerados como tendo parceria fixa e estável todos aqueles que referiram ser casados ou amasiados. Neste estudo, a quantidade de detentos que possui somente um parceiro foi de 59,4%, valor próximo do verificado em outros estudos, a exemplo de estudos realizados na penitenciária de Ribeirão Preto, com índice de 58%<sup>4</sup>, na prisão em Zâmbia, com achado de 59,5%<sup>14</sup>, e na população carcerária em Sorocaba(SP) – 54%.<sup>15</sup>

Os resultados mostraram uma análise positiva, na qual 61,6% dos detentos(as) utilizam a camisinha como método contraceptivo, uma vez que um dos critérios de risco para avaliar a vulnerabilidade ao HIV consiste na multiplicidade de parceiros sem o uso de medidas preventivas. De acordo com o Ministério da Saúde, a transmissão sexual do HIV é pouco frequente (risco de 2% a 6%) para parceiros estáveis e ocorre principalmente em pessoas com múltiplos parceiros e com prática sexual de risco (sem uso de preservativo).<sup>16</sup>

Apesar de pouca variedade de parceiros nos últimos anos, as características deles evidenciam aspectos que ampliam a vulnerabilidade da amostra estudada. O consumo de drogas e o uso de tatuagens estiveram presentes em 35,5% e 71,0%, respectivamente. Esse achado contradiz o estudo de Nicolau<sup>5</sup> (2010), que teve o índice de 56,8% de detentos que possuíam tatuagens e 55,8% que eram usuários de drogas. De acordo com Nicolau<sup>5</sup>, as tatuagens são geralmente usadas nos presídios como forma de se reafirmar em um grupo ou facção, entretanto é comum a realização da tatuagem, de forma caseira, sem uso de técnicas assépticas, aumentando, assim, o risco de aquisição e transmissão do HIV e hepatites.

A prática homossexual foi observada em apenas 2,2% dos(as) detentos(as). Entretanto, a prática do homossexualismo dentro das prisões é comum, sendo uma forma de suprir ou amenizar as necessidades afetivas, já que, muitas vezes, as relações estabelecidas anteriormente à prisão são interrompidas ou enfraquecidas, inclusive as relações familiares.<sup>17</sup>

Com relação ao uso de drogas, em estudo realizado por Coelho<sup>4</sup> (2004), o percentual de usuários foi extremamente elevado (81,4%), com predomínio acentuado na população de até 30 anos, apesar de uso considerável também naqueles acima desta idade. No estudo de Coelho<sup>4</sup>, o consumo de maconha obteve um índice de 39,8%, já na unidade correcional para adolescentes no Espírito Santo, o índice foi de 50,5%.<sup>23</sup> Em discordância, este estudo obteve alto índice de consumo de crack (26%) em comparação ao estudo de Coelho<sup>4</sup>, no qual o consumo de crack atingiu apenas 1,8% dos participantes como droga usada isoladamente, e 22,2% quando se associa a outros tipos.

Apesar de o crack ter sido introduzido no Brasil no final da década de 1980 e início da década de 1990, o seu uso está bastante difundido e acha-se intimamente ligado à baixa escolaridade, ao baixo nível socioeconômico, ao desemprego e, sobretudo, a uma taxa mais elevada de criminalidade.<sup>4</sup> Esse índice torna-se preocupante, tendo em vista a prevalência de drogas que causam extrema dependência. A alta prevalência do uso de substâncias entre presidiários constitui um importante problema de saúde pública.<sup>5</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevalência de detentos com HIV/AIDS foi contraditória quando comparada a pesquisas anteriores, tais como Varella (1996), Marins (2000), Miranda e Zago (2001), Coelho (2004) e Reis (2011). Tal fato pode ser justificado devido a diferentes fatores como: a própria estabilização da doença no país, maior percepção da população carcerária quanto aos mecanismos de transmissão e a substituição do uso de drogas injetáveis por inalante e/ou outras.

A penitenciária em estudo possui o serviço de saúde bem estruturado, com disponibilidade de materiais para suporte necessário no diagnóstico e no tratamento.

Observou-se que os(as) detentos(as) têm ciência dos mecanismos de transmissão do HIV/AIDS, o que se deve à implementação de medidas preventivas e educação continuada pela equipe de saúde prisional.

Nesse viés, necessita-se de estudos epidemiológicos contínuos que forneçam informações atualizadas sobre o estado de saúde dos(as) detentos(as). Desse modo, espera-se que os resul-

tados deste trabalho possam contribuir para as condições atuais da HIV/AIDS no sistema carcerário brasileiro, estimulando a realização de outras investigações e servindo para orientar a adoção de medidas preventivas.

## REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Guia de vigilância epidemiológica*. 6 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
2. REIS, C. B.; BERNARDES, E. B. O que acontece atrás das grades: estratégias de prevenção desenvolvidas nas delegacias civis contra HIV/AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 7, Out, 2011.
3. NOGUEIRA, P. A.; ABRAHÃO, R. M. C. M. A infecção tuberculosa e o tempo de prisão da população carcerária dos distritos policiais da zona oeste de São Paulo. *Revista Brasileira Epidemiologia*, São Paulo, v. 12, n. 1, Mar, 2009.
4. COELHO, H. C. *Prevalência e fatores de risco para a infecção do HIV na população carcerária masculina da Penitenciária de Ribeirão Preto*. 2004. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
5. NICOLAU, A. I. O. *et al. Conhecimento, atitude e prática de presidiários quanto ao uso de preservativos masculino e feminino*. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Fortaleza.

6. BASTIAN, I. *et al.* *Guidelines for the control of tuberculosis in prisons*. Geneva: World Health Organization, 2000.
7. BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica à Saúde: Dengue, Esquistossomose, Hanseníase, Malária, Tracamo e Tuberculose. Ministério da Saúde. 2º ed. *Revista Brasília*: Ministério da Saúde, 2008.
8. D'URSO, L. F. B. Um grito de indignação. O monitor: política, administração, ética e segurança. *Revista Mineira de Enfermagem*, ano 2, n. 15, 2007. Disponível em: <<http://www.omonitor.info/section.asp?sid=13&iid=15>>. Acesso em: 5 set. 2012.
9. LOURENÇO, R. *Epidemiologia da infecção pelo VIH-1 nas instituições carcerárias masculinas do Complexo Penitenciário do Carandiru - São Paulo(SP)*. 1992. Dissertação(Mestrado) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
10. MASSAD, E. *et al.* Seroprevalence of HIV, HCV and syphilis in Brazilian prisoners: Preponderance of parenteral transmission. *Eur J. Epidemiol*, v. 15. n. 15. p. 439-445, 1999.
11. BLASOTTI, A; BLOTTA, M. H. S. L; GOMES, M. C. O. Inquérito sorológico sobre a prevalência de anticorpos anti-HIV em detentos da cadeia pública de Sorocaba. *Revista Paulista Medicina*, v.105, n. 105, p. 117-118, 1987.
12. PEIXINHO, Z. F. *et al.* Seroepidemiological studies of HIV-1 infection in large Brazilian cities. *Nat Immun Cell Growth Regu*, v. 9, n.9. p. 133-136,1990.
13. VARELLA, D. *et al.* HIV infection among Brazilian transvestites in prison population. *AIDS Patient Care*, v. 10, n. 10. p. 299-302, 1996.
14. SIMOOYA, O. O. *et al.* "Behind wall": a study of HIV risk behaviors and seroprevalence in prisons in Zambia. *AIDS*, v. 15, n. 13, p. 1741-1744, 2001.
15. MARINS, J. R. *et al.* Seroprevalence and risk factors for HIV infection among incarcerated men in Sorocaba, Brazil. *AIDS Behav*,v. 4, n. 4 p. 121-128, 2000.
16. BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Estado da Saúde. *Manual de controle das DST*. Brasília, DF, 2006.
17. MIRANDA, A. E; ZAGO, A. M. Prevalência de infecção pelo HIV e Sífilis em sistema correcional para adolescentes. *J. Bras. Doenças Sex. Transm*, v. 13, n. 13. p. 35-39,2001.